

Panorama Empresarial 2010
Negócios nos novos tempos
da economia



Índice

Visões e expectativas do momento	4
Novos tempos – Desafios e superações	10
Novos negócios – Estratégias, projetos e ações.....	13
Metodologia do estudo e amostra da pesquisa.....	18
Grandes tendências	22

Os resultados da pesquisa mostram que 2009 foi um ano de recuperação para muitas empresas frente à crise mundial. Já 2010 tende a ser um ano de crescimento e retomada dos investimentos por parte das organizações.

Novos tempos, novos negócios

Os líderes empresariais estão otimistas com o futuro do País e de seus próprios negócios e revelam uma clara percepção de que, apesar dos desafios enfrentados e dos entraves a serem superados, a economia brasileira caminha para um período de maior prosperidade e estabilidade.

No entanto, os novos tempos da economia cobram maior competitividade das empresas na gestão de suas operações e atividades e maior agilidade no redirecionamento de seus negócios, para que possam se desenvolver e permanecer atuantes nos mercados.

Esse é o cenário traçado, em linhas gerais, pela edição 2010 da pesquisa “Panorama Empresarial – Negócios nos novos tempos da economia”, que entrevistou líderes corporativos de todo o País acerca de suas visões sobre a gestão em novos tempos de negócios, com uma abordagem direta sobre as tendências econômicas e os mercados.

As respostas dos empresários à pesquisa refletem o caráter empreendedor das estratégias adotadas – agora muito mais associadas às grandes perspectivas de crescimento dos seus negócios, sem perder o foco na continuidade e a sustentabilidade no tempo.

O momento atual traz a sensação de que os problemas que conduziram a tantas mudanças começam a se dissipar e as organizações passam a ter de promover adaptações que possam conduzir a empresa a um novo estágio de equilíbrio.

No período mais crítico decorrente do cenário adverso, muitas empresas buscaram manter a participação nos mercados por meio da concentração das atividades em seu negócio principal. No entanto, a retomada da economia expõe a urgência quanto à viabilização dos vários projetos e das várias ações que estavam em franca expansão em decorrência do quadro de crescimento econômico que o País experimenta nos últimos anos.

Cientes de que o Brasil tem muito a avançar, os empresários indicam a confiança nos novos padrões e nas novas direções do desenvolvimento.

Nesse sentido, as expectativas das empresas para os próximos anos são bastante favoráveis e é nesse contexto que as organizações procuram se antecipar aos concorrentes por meio do lançamento de novos produtos e serviços e da adoção e incentivos à inovação. Além disso, direcionam recursos para dar continuidade a uma melhor gestão das atividades da empresa, tais como programas de retenção de capital humano e desenvolvimento de talentos, além de outras medidas que buscam a excelência na capacidade de fornecimento de produtos e serviços e no desempenho e posicionamento das vendas.

Afinal, os empresários brasileiros são unânimes em concordar que haverá um aumento de influência política dos países emergentes na próxima década e confiam que o Brasil contará com a preferência dos investidores internacionais entre esses países.

Sobre o estudo

O estudo foi realizado com empresas dos setores de serviços e indústria (573 organizações), que somam um total de 911 mil funcionários, com receita que alcança 17,3% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

O levantamento – realizado em outubro e novembro de 2009 – teve como principal objetivo revelar a visão dos empresários sobre desafios, oportunidades e perspectivas para a economia brasileira e o ambiente de negócios.

As empresas consultadas estão distribuídas por todo o País: 68% no Sudeste, 19% no Sul, 7% no Nordeste, 4% no Centro-Oeste e 2% no Norte.

A idade média das empresas da amostra, das quais 34% realizam exportações, é de 30 anos.

Visões e expectativas do momento

Os empresários brasileiros estão otimistas com relação ao desempenho de seus negócios em 2010 e têm planos de ampliar seus investimentos, especialmente no lançamento de produtos e serviços. Estas são as principais conclusões da pesquisa realizada pela Deloitte entre outubro e novembro de 2009, que identificou três atividades com maior potencial de crescimento a partir de 2010: petróleo e gás, construção e turismo, hotelaria e lazer.

Das empresas entrevistadas, 95% acreditam em crescimento em 2010. Apesar de 2009 ter sido um período conturbado – pelo menos, no primeiro semestre –, a receita total das empresas que revelaram suas expectativas de faturamento para aquele ano apontou crescimento de 8% em relação a 2008, conforme indica a mediana das respostas coletadas. Na comparação com os resultados de 2008, 69% das empresas estimaram encerrar o ano de 2009 com uma receita maior.

Setores da economia com maior potencial de crescimento (%)



Percentual de respondentes da amostra

No item “Investimentos”, 71% das empresas estimaram encerrar 2009 com um montante de aportes superior a 2008. Os projetos de maior aposta são a modernização (considerando a aquisição de bens de capital), com 93%, e a implantação de novos produtos e serviços, com 91% dos apontamentos.

Em 2009, 13% das empresas entrevistadas afirmaram ter realizado investimentos em aquisições de outras organizações. Entre os projetos de investimentos a serem implantados a partir de 2010, 41% dos empresários utilizarão recursos para a aquisição de empresas, uma intenção manifestada principalmente por médias organizações.

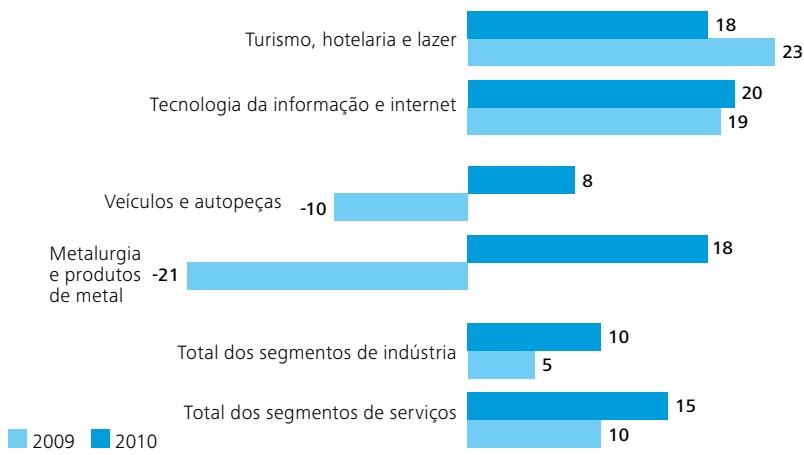
Em 2010, 64% dos entrevistados destacaram que darão prioridade, do ponto de vista estratégico, ao desenvolvimento e fornecimento de novos produtos e serviços.

Expectativas das empresas para os próximos três anos

		2009	2010	2011	2012
Indicadores econômicos do País					
Produto Interno Bruto (PIB)	Crescimento no ano (real)	0,2	4,5	5,0	5,0
Taxa da inflação – IPCA	Variação no ano	4,3	4,5	4,5	4,5
Taxa de juros – SELIC	Taxa média no período	8,75	9,00	9,00	9,00
Taxa de Câmbio – R\$/US\$	Cotação média no período	1,99	1,80	1,80	1,85
Expectativas para as próprias empresas					
Receita líquida anual	Crescimento %	8,1	14,0	12,0	12,5
Investimentos no ano	Crescimento %	7,5	10,0	10,0	10,0
Número de empregados	Crescimento %	5,0	10,0	8,2	10,0
Valor das exportações	Crescimento %	3,0	10,0	10,0	10,0

Nota: mediana das expectativas dos respondentes. Para 2009, mediana das expectativas de mercado para os indicadores econômicos (Banco Central – BC).

Expectativas de crescimento das empresas por setores
 Percentual de expansão esperado para a receita líquida anual



Mediana das respostas das organizações de cada setor selecionado

Os empresários manifestam confiança quando apontam suas expectativas para a economia e o ambiente de negócios nos próximos três anos. A grande maioria aponta para uma melhoria nas condições econômicas – 70% afirmam que o nível da atividade econômica do País tende a aumentar e apenas 1% acredita em redução (vide gráfico da página seguinte).

De fato, grande parte dos executivos acredita que as taxas de crescimento do PIB devem ficar próximas aos níveis de 2008 ainda em 2010, mantendo-se em torno de 5% ao ano nos anos seguintes.

A maioria também compartilha do otimismo com relação ao poder de compra da população, que deve aumentar na opinião de 57% dos respondentes. Esse posicionamento consolida as grandes oportunidades que surgem para as empresas em decorrência do crescimento econômico e das melhores condições de demanda.

As visões dos entrevistados sobre a inflação, os juros e o câmbio não mudam significativamente para os próximos anos. Portanto, os empresários esperam um aumento do PIB sem grandes preocupações com relação ao valor da moeda e aos preços.

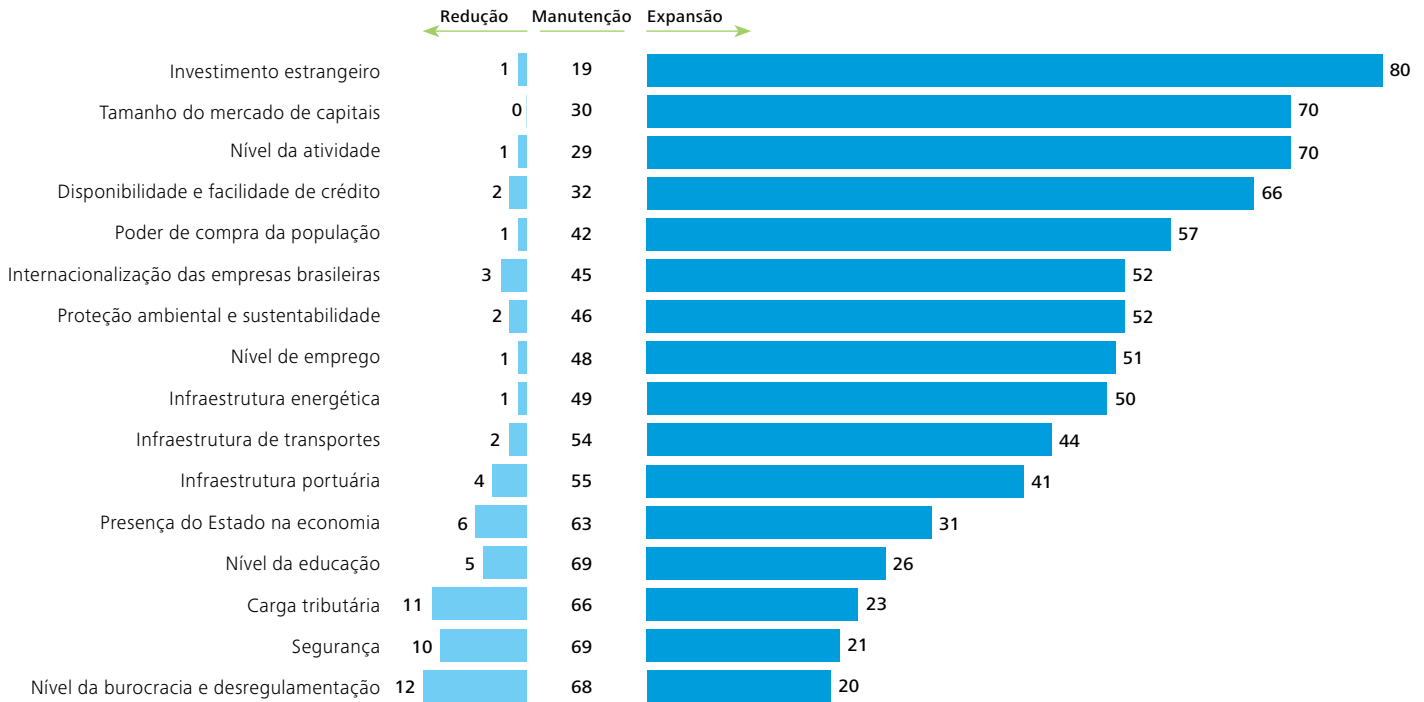
Por sua vez, as taxas de crescimento das receitas das empresas tendem a se estabilizar em 12% ao ano a partir de 2011, atingindo 14% em 2010 (segundo mediana das estimativas).

As estimativas anuais de investimentos se situam um pouco abaixo das previsões de receitas, com recuperação em relação ao ano de 2009, quando devem ter apresentado crescimento de 7,5% no ano.

As indicações são bastante representativas, pois o total das receitas das empresas participantes da pesquisa perfaz aproximadamente 18% do PIB brasileiro, além de envolver toda uma gama de setores de serviços e industriais.



Expectativas para a economia e o ambiente de negócios nos próximos anos (%)



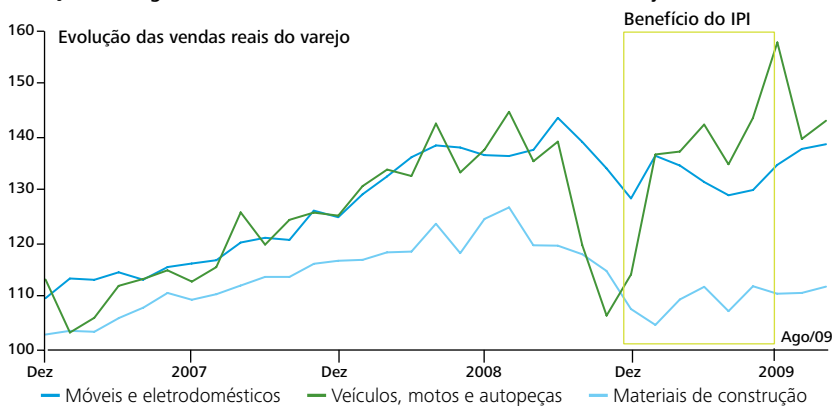
Percentual de empresas que assinalaram cada quesito e tendência

São inegáveis o otimismo e a confiança em vários aspectos, até mesmo com relação à evolução da carga tributária, fator sempre considerado extremamente negativo pelas empresas em todas as pesquisas realizadas pela Deloitte até o momento.

Com relação ao nível de tributação, os empresários acreditam que a carga deve se manter elevada nos próximos anos, mas 11% deles confiam em uma redução. Os benefícios de tal redução de tributos ficam evidentes ao se constatar o impacto que a redução do imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) produziu sobre as vendas no varejo em 2009.

Informações de mercado

Redução da carga tributária e atividade econômica – Consumo e Varejo



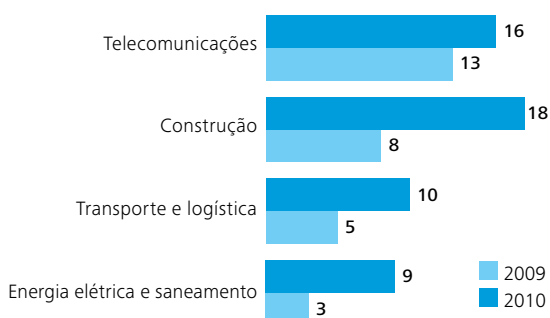
Fonte: Research – Deloitte (a partir de consolidação de dados do IBGE).
Vendas reais dessazonalizadas (2005 = 100)

Além do nível de atividade, os empresários estão particularmente otimistas com relação à entrada de investimentos estrangeiros, à dimensão do mercado de capitais e à disponibilidade e facilidade de crédito.

Adicionalmente, consideram que a infraestrutura de transportes, a energética e a portuária tendem a ficar iguais ou melhores com relação à atualidade. Os empresários são mais céticos com relação aos serviços prestados através dos portos, o que não deixa de ser preocupante tanto para as exportações quanto para as importações de bens.

Expectativas de crescimento das empresas de setores de infraestrutura

Percentual de expansão esperado para a receita líquida anual



Mediana das respostas das organizações de cada setor selecionado

As empresas também se encontram mais otimistas com relação à proteção ambiental e sustentabilidade, indicando que as estratégias delas que visam à adoção de práticas de sustentabilidade e responsabilidade ambiental estão conectadas com a tendência atual.

As medidas que dependem diretamente do governo se tornam elementos de maior preocupação dos respondentes, indicando que podem afetar negativamente a visão em perspectiva das empresas.

Os apontamentos que tiveram expectativas menos positivas referem-se justamente aos fatores que dependem de políticas públicas, tais como nível de burocracia e desregulamentação, nível da educação e segurança, além, é claro, da própria carga tributária.

A segurança, em particular, foi apontada como um dos fatores mais prejudiciais à atratividade e ao crescimento das regiões que compuseram a pesquisa. Além disso, a segurança pública foi considerada uma atividade essencial a ser priorizada pelos próximos governos eleitos em 2010 (aproximadamente 80% dos respondentes).

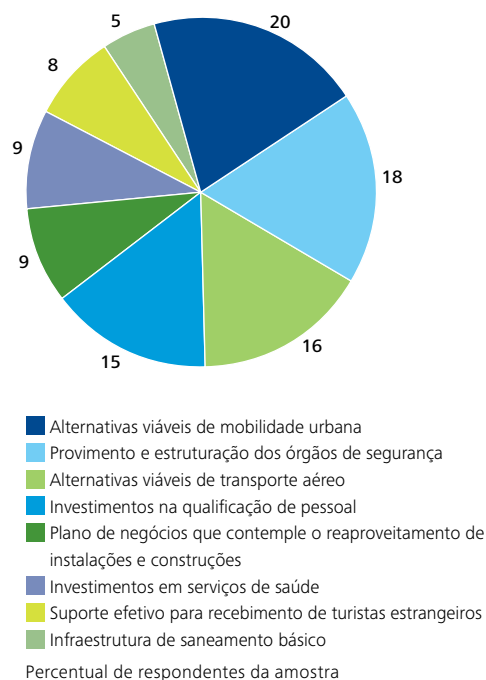
Os empresários, no geral, querem que os governos priorizem a educação (82% dos respondentes) e que façam a reforma tributária (60%).

Surpreendentemente, o item menos apontado como uma ação a ser priorizada foram as políticas de transferência de renda pelo governo federal – apenas 12% dos apontamentos.

Os empresários já estão conectados com as providências a serem tomadas pelo País para contar com uma estrutura adequada de atendimento aos eventos da Copa do Mundo de 2014. Na verdade, apenas quatro respondentes afirmaram não ter ainda uma avaliação sobre o evento. Para aproximadamente 20% dos entrevistados, o País precisa criar alternativas viáveis de mobilidade urbana e dar provimento e estruturação aos órgãos de segurança. Os itens apontados estão muito relacionados às lacunas encontradas na atualidade com relação a esses mesmos serviços públicos.

Na jornada para a Copa

Principais pontos que o País terá que prover para contar com uma estrutura adequada de atendimento aos eventos da Copa do Mundo de 2014 (%)



No caso específico do Rio de Janeiro, ser a futura sede da primeira Olimpíada na América do Sul, em 2016, foi apontado como um fator de atração à manutenção da atividade das empresas na região por apenas 23% dos respondentes.

Convocados a assumir um exercício de predição sobre vários aspectos e afirmações sobre questões que envolveriam a próxima década, os empresários apresentaram algumas colocações bastante interessantes.

Os empresários brasileiros são unânimes em concordar que haverá um aumento de influência política dos países emergentes nesse período. No entanto, estão divididos quanto à dominância dos mercados globais pelos asiáticos. Porém, concordam que será mais difícil para o Brasil competir com a produção chinesa no mercado mundial. Mas, ao final, para aproximadamente 90% dos entrevistados, o País contará com a preferência dos investidores internacionais entre os países emergentes.

Com relação às transformações ambientais, aproximadamente 70% dos entrevistados acreditam que haverá uma mudança climática significativa na próxima década, com grande alteração nos padrões de consumo diante dessas questões e das práticas de sustentabilidade. No Brasil, os empresários se encontram divididos quanto à falta de recursos para investimentos em tecnologias limpas e segurança energética. E, politicamente falando, quase metade dos entrevistados acredita que o País terá problemas crescentes com países fronteiriços, que não envolvem necessariamente problemas ou soluções energéticas.

Apesar da maior ingerência dos governos na economia na atualidade, como forma de compensar e suprir as atividades e os investimentos necessários para que os países saiam da recessão, os empresários brasileiros estão divididos quanto à permanência desses governos no comando ou como participantes mais ativos nas decisões econômicas. No entanto, acreditam que tanto o Brasil como a economia mundial passarão por um ou mais cenários de crise – os apontamentos são ligeiramente mais positivos para o País, mas ainda assim elevados (61% dos respondentes).

Prioridades para os governos a serem eleitos em 2010, segundo os empresários (%)



Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas; atividades e ações dos governos federal e estaduais

Para quase 90% dos entrevistados, a principal atividade de sua empresa não perderá mercado na próxima década. Além disso, haverá uma grande internacionalização de empresas brasileiras (64%), e o País ascenderá ao posto de grande produtor de petróleo com a exploração do pré-sal (72%).

Algumas situações não deverão mudar radicalmente, tais como a alteração significativa na pauta de exportações brasileiras de *commodities* para industrializados e serviços – há uma clara divisão entre os empresários quanto a essa afirmação. No entanto, haverá uma grande concentração da indústria em poucas empresas globais, segundo 65% dos respondentes.

Transformações à vista

Mudanças razoavelmente radicais: alteração nas relações de trabalho, tais como o prolongamento da vida ativa (76% dos empresários) e maior predominância das mulheres em cargos de liderança (80%).

Mudanças menos radicais: para 71% dos entrevistados, o envelhecimento da população não afetará o ritmo de crescimento econômico no Brasil e o País não passará a depender de mão-de-obra estrangeira para o desenvolvimento de suas atividades.



Novos tempos

Desafios e superações

A nova configuração global, principalmente após o desequilíbrio imposto pelo cenário econômico adverso a partir de 2008, exige uma adequação das habilidades organizacionais de todas as empresas e segmentos no Brasil.

As empresas se deparam com a necessidade de gerar condições para a superação dos problemas de forma imediata sem perder de vista o aproveitamento de novas oportunidades.

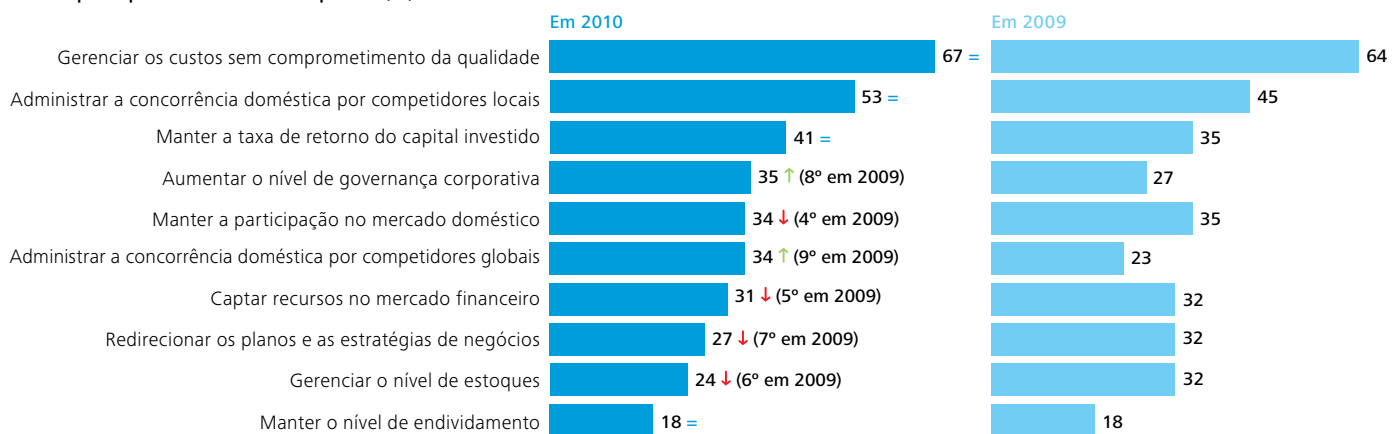
Nesse contexto, os empresários apontam que os principais desafios enfrentados por suas empresas a partir do final de 2008 foram o de gerenciar os custos (64% dos respondentes) e o de administrar a concorrência doméstica (45%).

Os executivos revelam uma clara preocupação com a redução dos custos em suas atividades, principal desafio indicado pelos respondentes da pesquisa. No entanto, essa redução não pode ser, na opinião dos mesmos empresários, generalizada e comprometer a qualidade das operações, o que sugere que a satisfação das necessidades do consumidor é um elemento cada vez mais importante para as empresas no Brasil.

Ao considerar o que as empresas fizeram para superar os desafios impostos pelas condições econômicas mais adversas, constata-se que a redução de custos sem comprometimento da qualidade também foi o item mais apontado. Adicionalmente, a medida apresentou um bom nível de eficácia, segundo os empresários, situando-se bem à frente da redução generalizada de custos. Em seguida, aparece a maior interação com consumidores e clientes, demonstrando que os participantes da pesquisa possuem uma clara percepção do elevado nível de eficácia das ações que buscam a sinergia com seus públicos para a superação de desafios.

Administrar a concorrência doméstica por competidores locais foi o segundo desafio mais apontado pelas empresas para a superação do cenário econômico adverso. Nesse contexto, os empresários nacionais tiveram de formular e implementar medidas e ações que lhes permitissem conservar uma posição sustentável dos negócios nos novos tempos da economia – 13% dos empresários declararam ter adquirido empresas ou concorrentes e 49% buscaram novas parcerias e associações.

Os dez principais desafios das empresas (%)



↑ Subiu de posição em relação a 2009 ↓ Caiu de posição em relação a 2009 = Mesma posição em relação a 2009

Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas

Apesar de terem sido apontados por 23% dos entrevistados, os concorrentes globais não são considerados tão desafiadores e, por conseguinte, ainda não têm um maior poder de influência sobre o comportamento dos gestores brasileiros.

No entanto, percebe-se uma clara alteração de expectativas quanto à realidade a ser enfrentada a partir de 2010, pois os apontamentos passam a ocupar a 6ª colocação, subindo três posições com relação a 2009.

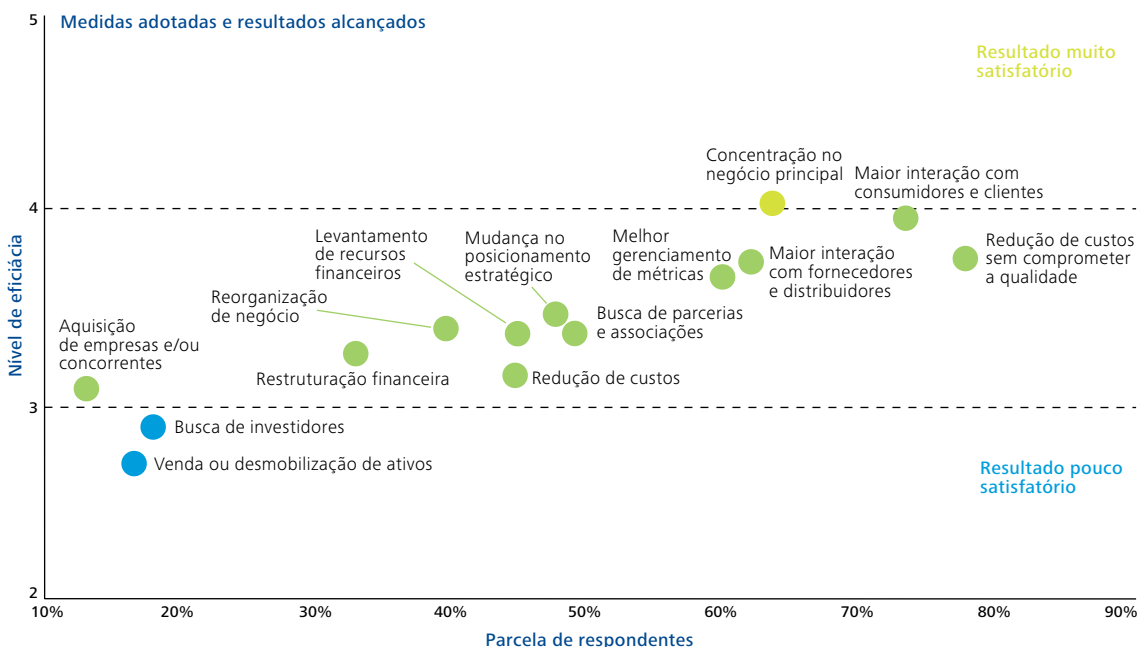
A captação de recursos no mercado financeiro foi apontada como um desafio em decorrência da piora no cenário econômico por apenas um terço dos respondentes. Concomitantemente, a manutenção do nível de endividamento foi apontada por apenas 18% dos entrevistados como um grande desafio enfrentado.

De fato, as empresas indicam claramente que tiveram de levantar recursos financeiros e praticar alguma forma de reestruturação financeira no período, apesar de não serem as medidas mais apontadas para a superação dos desafios.

O agravamento da situação econômica mundial em 2008 alcançou as empresas em uma fase de plena expansão de negócios, o que provocou um aumento indesejável nos níveis de estoques diante de uma drástica redução da demanda.

Sem dúvida alguma, essa situação de estresse transformou o ritmo de atividade das empresas e provocou a necessidade de ajustes financeiros imediatos. No entanto, a crise financeira que atingiu os demais países não foi tão profunda no Brasil devido à ainda baixa capilaridade dos mercados financeiros, evitando que uma crise sistêmica se instalasse e atingisse grandes proporções.

O que as empresas fizeram para superar os desafios gerados pela crise econômica mundial

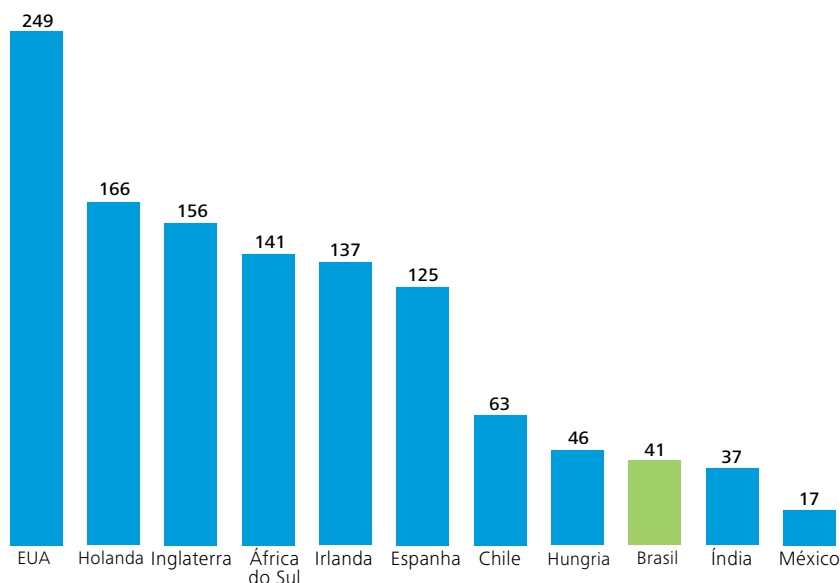


Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas

O agravamento repentino das condições econômicas também levou as empresas a redirecionar planos e estratégias de negócios (32% dos respondentes) com a mudança efetiva no posicionamento estratégico das empresas.

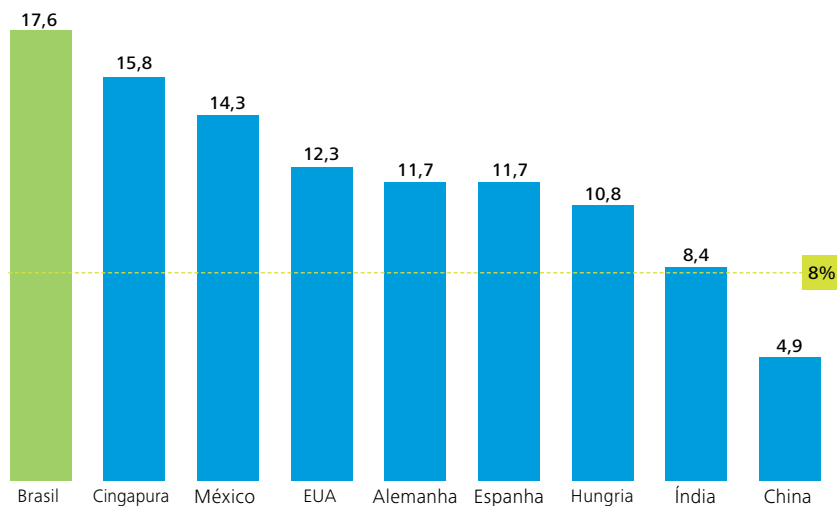
Informações de mercado

Relação entre crédito e PIB (2008) (%)



Fonte: Ministério da Fazenda

Relação entre capital e empréstimos em 2008 (%)



Fonte: Ministério da Fazenda

Nota: Percentual de capital recomendado pelo Acordo de Basileia II: 8%. No Brasil, o percentual é de 11%.

Nesse contexto, muitas organizações apontaram a necessidade de reorganização dos negócios, apesar dos poucos apontamentos que indicavam a venda ou desmobilização de ativos como medidas a serem preconizadas para a superação das dificuldades dos mercados.

Simultaneamente, as empresas procuraram manter a taxa de retorno do capital investido (35% dos respondentes) e adotaram ações para melhor gerenciar as métricas de desempenho econômico.

Além disso, cerca de um terço dos entrevistados buscou aumentar o nível de governança corporativa. O desafio, que ocupava a 8ª posição em 2009, passa a ocupar a 4ª posição a partir de 2010.

O enfoque em níveis mais adequados de governança, apesar de alcançar pouco mais de um terço da amostra, não deixa de ser surpreendente diante da composição do universo de empresas do estudo.

As companhias de capital aberto, demandantes diretas de recursos de terceiros para seus planos de expansão, representam apenas 8% dos entrevistados. Portanto, a maior parte das empresas é de capital fechado ou limitada e, adicionalmente, 56% são familiares. Apenas 14% pertencem a grupos empresariais e 4% contêm uma participação de investidores institucionais.

Portanto, no contexto de governança, fica evidente que as empresas passaram a identificar a necessidade de transparência e de boa performance não apenas com o montante de capital investido, mas também com a necessidade de melhor se articularem com seus diversos públicos.

As organizações parecem cientes da atenção a ser dada ao ambiente externo à empresa sob o risco de prejudicar ou dificultar o aproveitamento das oportunidades de mercado.

Novos negócios

Estratégias, projetos e ações

Os novos tempos da economia cobram maior competitividade das empresas na gestão de suas operações e atividades e maior agilidade no redirecionamento de seus negócios, para que possam se desenvolver e permanecer atuantes nos mercados.

Nesse contexto, as grandes estratégias a serem priorizadas a partir de 2010 enfatizam o desenvolvimento e fornecimento de novos produtos e serviços (64% dos respondentes), a gestão adequada do capital humano (46%) e a adoção de incentivos à inovação (45%).

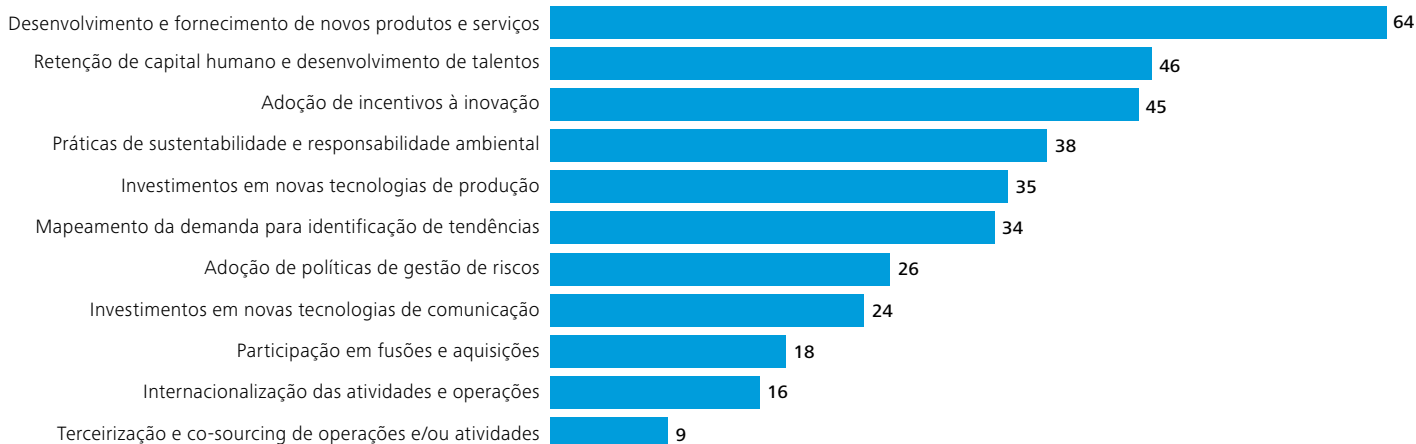
Adicionalmente, foram apontados as práticas de sustentabilidade e responsabilidade ambiental (38% dos respondentes) e os investimentos em novas tecnologias de produção e de comunicação – indicados por 35% e 24% dos respondentes, respectivamente.

A indicação das práticas de sustentabilidade e responsabilidade ambiental sugere que as empresas percebem que tais ações podem apresentar reais vantagens competitivas.



Estratégias priorizadas a partir de 2010

Ênfase em novos produtos e serviços, talentos e inovação (%)



Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas

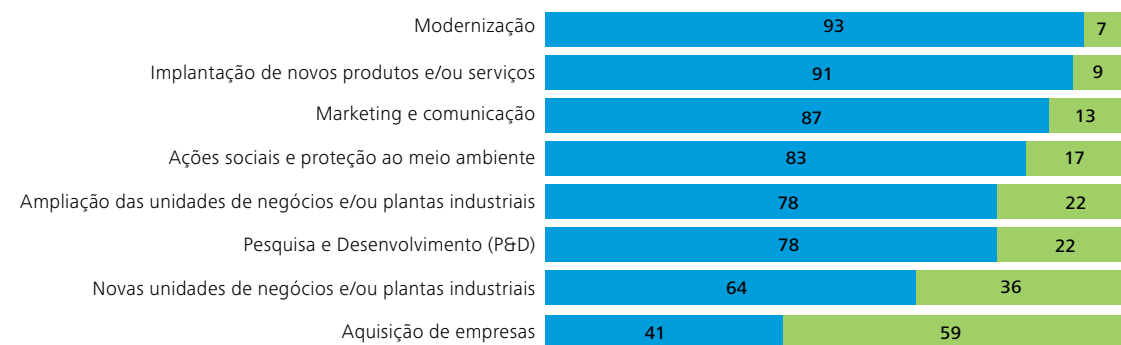
O desenvolvimento de novos produtos e serviços também recebe especial destaque quando o foco são os investimentos, pois a grande maioria dos empresários pretende realizar gastos direcionados à implantação e quase 80% destes priorizam Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).

A receita gerada por novos produtos e serviços representa 10% do total da receita líquida obtida pelas empresas (mediana da amostra dos respondentes). Além disso, a existência de um empenho autêntico para a inovação em produtos e serviços é evidente, apesar da baixa incidência de patentes registradas pelas empresas (dois registros anuais, na mediana).

Os projetos de investimento em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) são iniciativas desenvolvidas através de uma abordagem interna (37% por equipes internas). As parcerias com instituições de pesquisa e universidades foram apontadas por 10% e 12% dos respondentes, respectivamente, e 13% desenvolvem pesquisas em parceria com outras empresas. A utilização de consultores externos também foi menos apontada pelos entrevistados (18% dos respondentes), apesar de poder contribuir positivamente para a geração de novas metodologias uniformes e independentes.



Tipos de projetos de investimento a serem implantados pelas empresas (%)

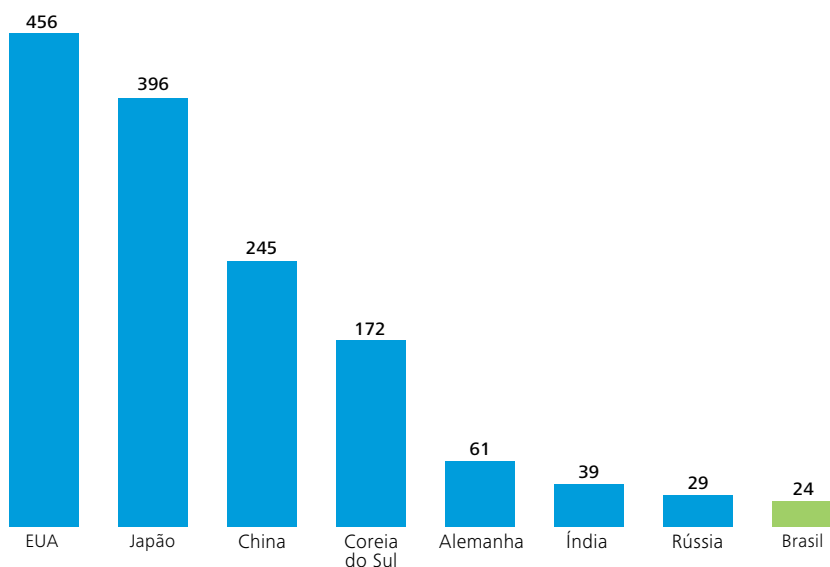


Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas

■ Pretende
■ Não pretende

Informações de mercado

Número de patentes registradas em 2007 (em mil)

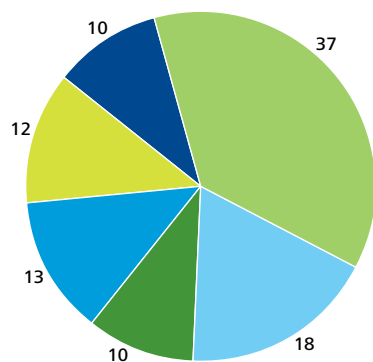


Fonte: Research – Deloitte (a partir de dados da World Intellectual Property Organization – WIPO).

Nota: Valores em 2006 para Brasil e China.

Pesquisa e Desenvolvimento (P&D)

Como são desenvolvidos os projetos pela empresas (%)



- Equipe interna
- Em parceria com consultores externos
- Em parceria com instituições de pesquisa
- Em parceria com outras empresas
- Em parceria com universidades/faculdades
- Não realiza

Percentual de respondentes da amostra

Em conclusão, as empresas garantem sua continuidade no tempo ao procurar definir e operacionalizar estratégias que maximizem os seus resultados e facilitem a melhor interação com o seu ambiente de negócios.

Em momentos de intensa turbulência como a que ocorreu nos mercados em meados de 2008, as organizações necessitam se adaptar rapidamente às novas situações para poder permanecer nesse mesmo ambiente.

Nesse contexto, muitas vezes, precisam adotar medidas que incluem desde a redução de todos os custos possíveis até o próprio redirecionamento do empreendimento.

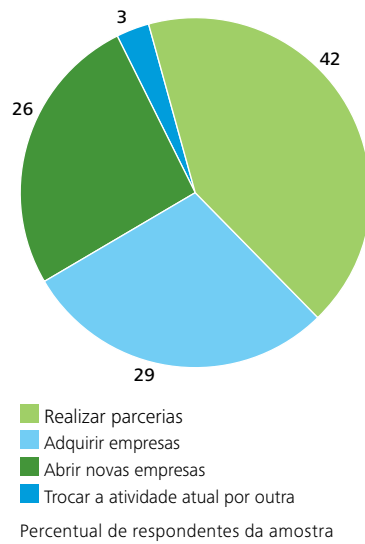
Os resultados edição 2010 da pesquisa “Panorama Empresarial – Negócios nos novos tempos da economia” indicam que as empresas não fizeram um movimento significativo de desinvestimento até o presente momento. De fato, a venda ou desmobilização de ativos foi pouco apontada como medida ou ação para a superação dos desafios.

Além disso, as empresas se mostram comprometidas com o desenvolvimento e fornecimento de novos produtos e/ou serviços, apontados como uma das principais estratégias a serem priorizadas a partir de 2010.

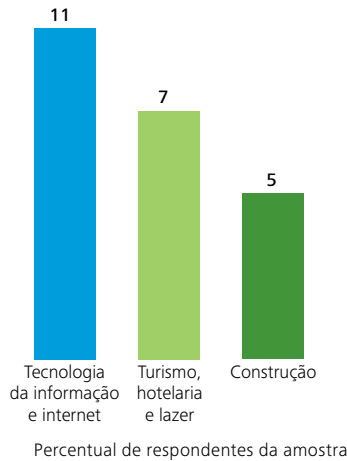
No período mais crítico do cenário adverso, parte significativa dos empresários buscou manter a participação de suas empresas nos mercados através da concentração das atividades no negócio principal.

As empresas também buscaram parcerias e associações para a superação de desafios e a concretização de oportunidades, fortalecendo assim a posição competitiva das organizações.

O que as empresas pretendem ao ampliar suas operações (%)



Principais segmentos escolhidos para ampliação (%)
(Entre empresas que pretendem ampliar suas operações)



Ampliação das operações (%)

Das empresas que querem ampliar suas operações, 23% manifestam interesse na diversificação, atuando também em outras atividades



A partir de 2010, entre os projetos de investimentos a serem implantados, 41% dos empresários destinarão recursos para a aquisição de empresas – intenção manifestada, principalmente, por médias organizações.

A pesquisa procurou entender também como as empresas buscariam preservar suas atuais vantagens competitivas no caso da ampliação de suas atividades.

Ou seja, elas concentrariam esforços e recursos na mesma ou em outra atividade?

Nesse sentido, das empresas que pretendem ampliar suas operações, 23% manifestaram interesse na diversificação, atuando também em outras atividades.

O restante se sente mais à vontade em ampliar suas operações na mesma atividade, provavelmente aproveitando o ambiente econômico familiar para oferecer uma quantidade maior de produtos.

Além da busca por sinergia direta com outras empresas através de parcerias, associações, fusões e aquisições e acompanhando uma natural tendência à retomada da expansão das atividades, as empresas devem recomençar a captar recursos ou novos investidores.

No entanto, a pesquisa constata que os empresários não consideram essa medida como um grande desafio a partir de 2010, pois menos de 10% dos respondentes demonstraram preocupação com a atração de investimentos, tanto de fundos de *private equity* e *venture capital* quanto de estrangeiros, e com a captação de recursos no mercado de capitais.

Essa constatação pode indicar a confiança das empresas no retorno desses fundos ou a própria disponibilidade desses recursos já no curto prazo, difundindo, assim, as vantagens competitivas a todas as empresas e mercados.

De fato, apesar dos tempos mais voláteis, o Brasil vem se tornando cada vez mais um país de grande atração para os investimentos estrangeiros.

Os empresários também consideram que o Brasil tenderá a receber maiores volumes de investimentos nos próximos três anos, principalmente da Zona do Euro, dos Estados Unidos e da China.

A estratégia de internacionalização ainda é vista como um processo distante da realidade das empresas, pois foi apontada por 16% dos respondentes.

Essa estratégia parece exercer uma maior atração para empresas de grande porte, quer pela natureza de suas operações quer pelo seu nível de inserção no comércio exterior.

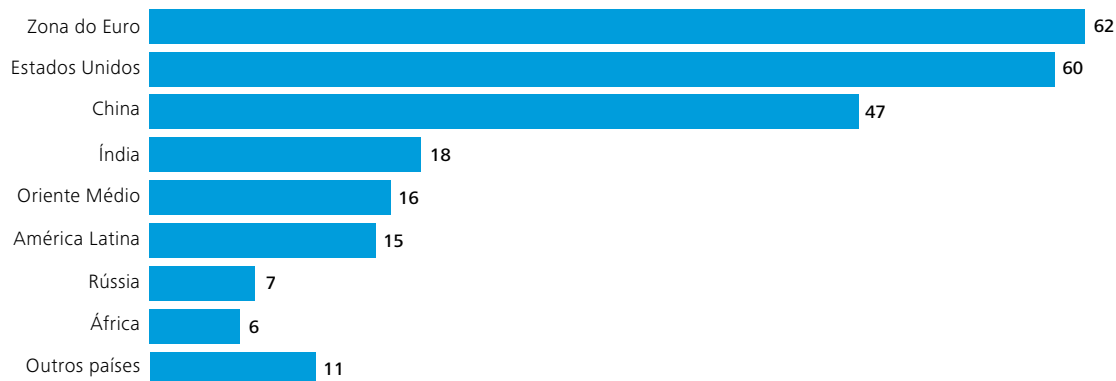
De acordo com dados da pesquisa, as empresas exportadoras representam 34% da amostra total, com montante médio exportado de aproximadamente 16% do faturamento líquido obtido em 2008.

As empresas que realizam exportações o fazem, em sua grande maioria, para a América Latina. Aproximadamente metade das empresas exporta para os Estados Unidos e a Zona do Euro.

As relações comerciais devem se intensificar com a China, pois as empresas que já exportam para aquele país pretendem aumentar em mais de 50% seus volumes exportados.

Atualmente, a China é o nosso segundo maior parceiro comercial em termos de corrente de comércio e tende a se tornar, segundo os empresários entrevistados pela pesquisa, o terceiro maior país a investir no País nos próximos três anos.

Países ou regiões dos quais o Brasil tenderá a receber mais investimentos nos próximos três anos (%)



Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas



Cientes de que o Brasil tem muito a avançar, os empresários indicam a confiança nos novos padrões e nas novas direções do desenvolvimento.

Metodologia do estudo e amostra da pesquisa

O levantamento das informações primárias para a realização da edição 2010 da pesquisa “Panorama Empresarial” partiu da seleção de um universo de cerca de 8 mil empresas em todas as regiões do Brasil, representando todos os segmentos econômicos.

Para essas organizações selecionadas, foram encaminhados convites e questionários, nas formas eletrônica e impressa. Esses questionários foram preparados com o objetivo de coletar dados sobre o próprio conjunto das empresas participantes e a respeito da visão de seus líderes acerca da conjuntura econômica e do ambiente de negócios.

O trabalho de campo para o levantamento dos dados primários, por meio da aplicação dos questionários, ocorreu entre outubro e novembro de 2009. Os principais tópicos abordados pelo questionário foram: “Gestão em novos tempos de negócios” e “Tendências econômicas e de negócios”, além de questões específicas para cinco grandes regiões – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, Região Metropolitana de São Paulo e interior de São Paulo). Os estratos referentes a algumas dessas regiões foram utilizados na geração de relatórios especiais.

No total, 573 empresas responderam aos questionários encaminhados no período. A receita líquida do conjunto das organizações que divulgaram seus resultados totaliza R\$ 500 bilhões, o correspondente a 17,3% do PIB nacional em 2008. As empresas apresentam idade média em torno de 30 anos e empregavam 911 mil colaboradores diretos ao final de dezembro de 2008.

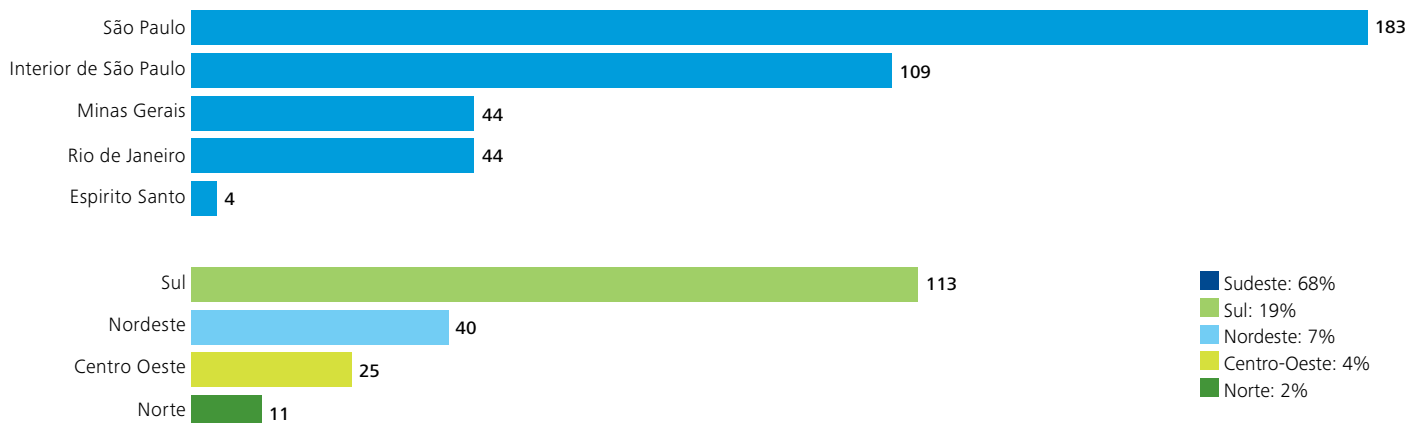
Do universo total, 194 empresas realizam comércio exterior, com exportações que representam, em média, 16% do faturamento líquido obtido em 2008.

A predominância dos Estados das regiões Sudeste e Sul na amostra nacional reflete a própria concentração da atividade econômica do País, um quadro que vem se modificando ao longo do tempo.

As empresas que compõem a amostra da pesquisa representam as mais diversas atividades da economia, com destaque para os segmentos de tecnologia da informação e internet, alimentos e bebidas, construção entre outros.

Estados e regiões

Número de empresas e participação por geografia



Percentual de respondentes da amostra

Nota: levantamento efetuado entre outubro e novembro de 2009

As empresas da pesquisa são em sua grande maioria de capital fechado ou limitadas, mas apresentam 8% de companhias abertas.

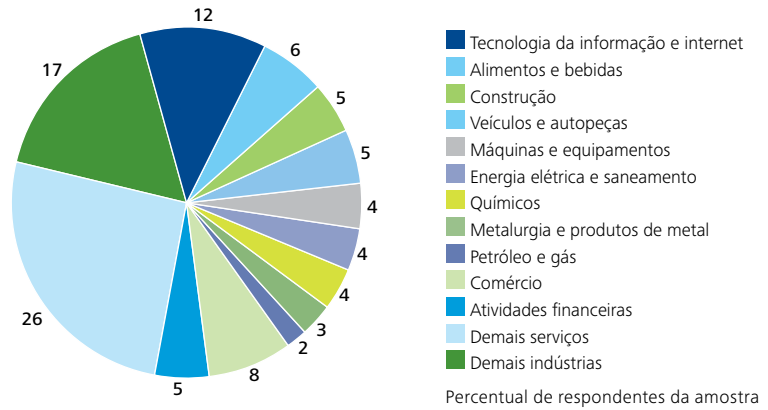
É clara a predominância de empresas familiares, mas a amostra conta também com a participação de grupos empresariais e investidores institucionais.

A maioria das empresas é de origem nacional, com a participação também significativa de estrangeiras ou com participação estrangeira.

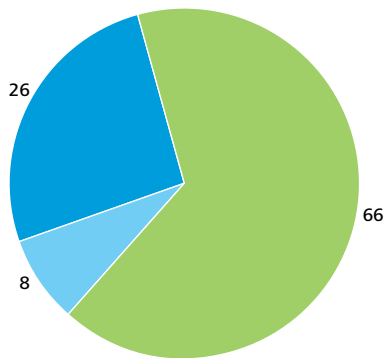
Um terço das empresas atua no exterior através de subsidiárias ou outros tipos de representação.

Setores de atividade das empresas participantes (%)

Equilíbrio entre os segmentos econômicos ligados a indústria e serviços



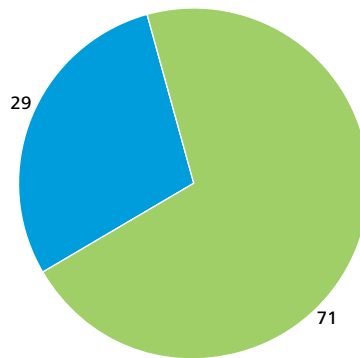
Tipos de sociedade (%)



- Capital fechado
- Capital aberto
- Limitada e outros tipos

Percentual de respondentes da amostra

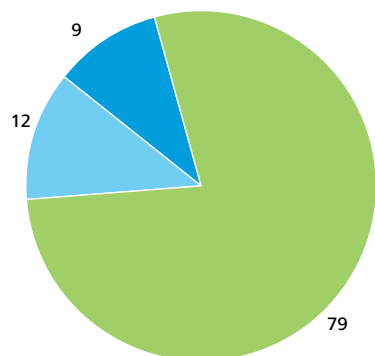
Modo de atuação no exterior (%)



- Outros tipos de representação
- Subsidiárias

Percentual de respondentes da amostra

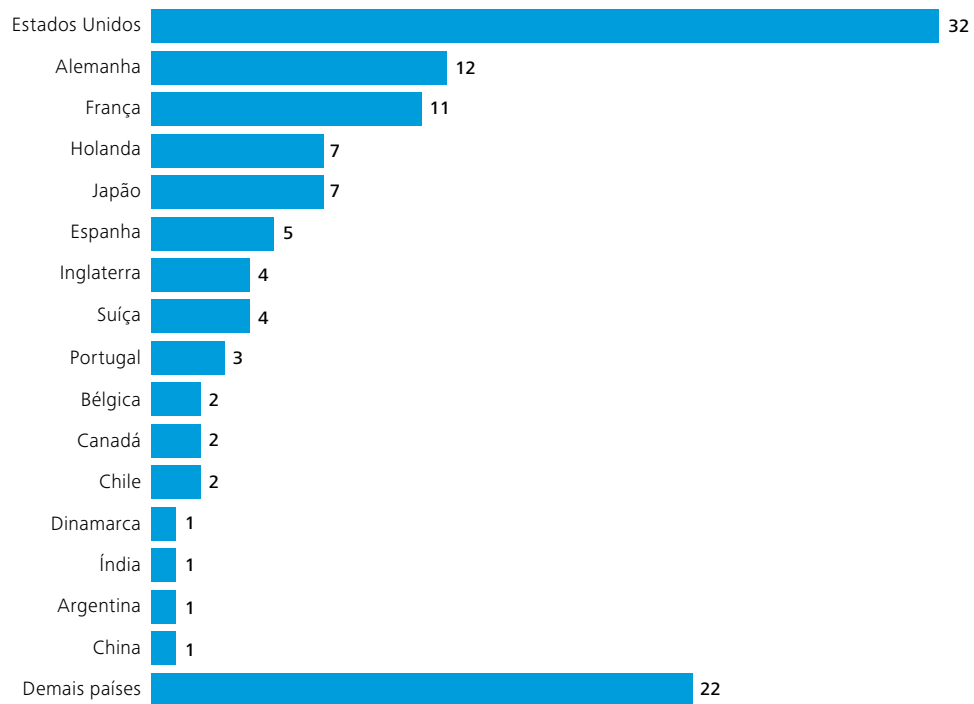
Origem do capital (%)



- 100% Brasileira
- 100% Estrangeira
- Com participação estrangeira (58% em média)

Percentual de respondentes da amostra

Origem das empresas estrangeiras ou com participação estrangeira (%)



Percentual de respondentes da amostra

Grandes tendências

Para o mundo

Nível de concordância dos empresários quanto às seguintes afirmações, em relação à próxima década (%)



Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas

Para o Brasil

Nível de concordância dos empresários quanto às seguintes afirmações, em relação à próxima década (%)



Percentual de empresas que assinalaram cada quesito; respostas múltiplas

A Deloitte oferece serviços nas áreas de Auditoria, Consultoria Tributária, Consultoria em Gestão de Riscos Empresariais, Corporate Finance, Consultoria Empresarial e Outsourcing para clientes dos mais diversos setores. Com uma rede global de cerca de 165.000 profissionais atuando a partir de firmas-membro em mais de 140 países, a Deloitte reúne habilidades excepcionais e um profundo conhecimento local para ajudar seus clientes a alcançar o melhor desempenho, qualquer que seja o seu segmento ou região de atuação.

No Brasil, onde atua desde 1911, a Deloitte é uma das líderes de mercado e seus cerca de 4.000 profissionais são reconhecidos pela integridade, competência e habilidade em transformar seus conhecimentos em soluções para seus clientes. Suas operações cobrem todo o território nacional, com escritórios em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Fortaleza, Joinville, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

A Deloitte refere-se a uma ou mais Deloitte Touche Tohmatsu, uma *verein* (associação) estabelecida na Suíça, e sua rede de firmas-membro, sendo cada uma delas uma entidade independente e legalmente separada. Acesse www.deloitte.com/about para a descrição detalhada da estrutura legal da Deloitte Touche Tohmatsu e de suas firmas-membro.

Para mais informações, contate-nos pelo e-mail comunicacao@deloitte.com ou pelo telefone (11) 5186 6686.